

# O Desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil

---

---

Mônica Sparta<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

## RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever o desenvolvimento da Orientação Profissional brasileira, desde suas origens até a atualidade. Inicialmente, é feita uma breve recapitulação histórica do desenvolvimento da Orientação Profissional no ambiente internacional. Em seguida, são descritos os fatos históricos de maior relevância para o nascimento e o desenvolvimento da Orientação Profissional em nosso país, as relações da Orientação Profissional brasileira com a Psicologia e a Orientação Educacional, os principais modelos teóricos sobre escolha profissional utilizados e desenvolvidos em nosso meio, a adaptação e criação de instrumentos para auxílio no processo de Orientação Profissional. Por fim, é traçado um panorama atual da Orientação Profissional no Brasil.

*Palavras-chave:* orientação profissional; aconselhamento de carreira; história da psicologia.

## ABSTRACT: Development of Vocational Guidance in Brazil

This article aims at describing the development of Vocational Guidance in Brazil, from its origins up to now. First, it makes a brief historical review of the Vocational Guidance development in the international setting. Then it describes the most relevant historical facts for the appearance and growth of Vocational Guidance in our country, the relationship between the Brazilian Vocational Guidance and Psychology and Educational Guidance, the main theoretical models on professional choice used and developed in our milieu, and the adaptation and creation of instruments to be used in the process or Vocational Guidance. Finally, it makes an overview of the Brazilian Vocational Guidance nowadays.

*Keywords:* vocational guidance; career counseling; psychology history.

## RESUMEN: El Desarrollo de la Orientación Profesional en Brasil

El objetivo de este artículo es describir el desarrollo de la Orientación Profesional brasileña, desde sus orígenes hasta la actualidad. Inicialmente, se hace una breve recapitulación histórica del desarrollo de la Orientación Profesional en el ambiente internacional. Enseguida, se describen los hechos históricos de mayor relevancia para el nacimiento y el desarrollo de la Orientación Profesional en nuestro país, las relaciones de la Orientación Profesional brasileña con la Psicología y la Orientación Educacional, los principales modelos teóricos sobre elección profesional utilizados y desarrollados en nuestro medio, la adaptación y creación de instrumentos para auxilio en el proceso de Orientación Profesional. Por último, se traza un panorama actual de la Orientación Profesional en Brasil.

*Palabras claves:* orientación profesional; asesoramiento de carrera; historia de la psicología.

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Rua Ramiro Barcelos, 2600, secretaria do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, 90035-003, Porto Alegre, RS. Fone: (51) 33165246. E-mail: msparta@uol.com.br

---

---

A Orientação Profissional nasceu como uma prática cujos objetivos estavam diretamente ligados ao aumento da eficiência industrial. Ela tem suas origens situadas na Europa do início do século XX, mais precisamente com a criação do Centro de Orientação Profissional de Munique, no ano de 1902 (Carvalho, 1995). Neste momento inicial, o objetivo da Orientação Profissional era o de detectar, na indústria florescente, trabalhadores inaptos para a realização de determinadas tarefas e, assim, evitar acidentes de trabalho.

No entanto, o marco oficial de início da Orientação Profissional situa-se entre os anos de 1907 e 1909, com a criação do primeiro Centro de Orientação Profissional norte-americano, o *Vocational Bureau of Boston*, e a publicação do livro *Choosing a Vocation*, ambos sob responsabilidade de Frank Parsons (Carvalho, 1995; Rosas, 2000; Santos, 1977; Super & Bohn Junior, 1970/1976). Parsons teve o grande mérito de acrescentar à Orientação Profissional idéias da Psicologia e da Pedagogia e a preocupação com a escolha profissional dos jovens de seu país. Em seu livro, Parsons definia três passos a serem seguidos durante o processo de Orientação Profissional: a análise das características do indivíduo, a análise das características das ocupações e o cruzamento destas informações. Desta forma, a Orientação Profissional baseava-se na promoção do autoconhecimento e no fornecimento de informação profissional.

Nas décadas de 1920 e 1930, a Psicologia Diferencial e a Psicometria passaram a influenciar fortemente a prática da Orientação Profissional, o que se deu devido ao grande desenvolvimento dos testes de inteligência, aptidões, habilidades, interesses e personalidade durante as Primeira e Segunda Guerras Mundiais (Brown & Brooks, 1996; Carvalho, 1995; Super & Bohn Junior, 1970/1976). A Orientação Profissional passou a ser um processo fortemente diretivo, em que o orientador tinha como objetivos fazer diagnósticos e prognósticos do orientando e, com base nesses procedimentos, indicar ao mesmo profissões ou ocupações apropriadas. Até este momento ainda não havia uma teoria propriamente dita que embasasse a prática da Orientação Profissional,

mas o modelo acima descrito, preocupado com a adequação do homem à profissão, costuma ser identificado como Teoria do Traço e Fator.

Importantes mudanças começaram a ocorrer na prática da Orientação Profissional a partir da década de 1940 (Brown & Brooks, 1996; Super & Bohn Junior, 1970/1976). Em 1942 foi publicado o livro *Counseling and Psychotherapy: Newer Concepts in Practice*, de Carl Rogers. Neste livro, Rogers (1942) lançou as bases de sua Terapia Centrada no Cliente, que aproxima os conceitos de Psicoterapia e Aconselhamento Psicológico e valoriza a participação do cliente no processo de intervenção, que passa a ser não-diretivo. As idéias de Rogers influenciaram enormemente a Psicologia, a Psicoterapia, o Aconselhamento Psicológico e a Orientação Profissional da época, tendo sido um importante marco de transformação das práticas de Orientação Profissional.

A partir da década de 1950, começaram a surgir diversas teorias sobre a escolha profissional, que vieram dar continuidade à mudança de paradigma iniciada na década anterior. Em 1951 foi publicado o livro *Occupational Choice*, de Ginzberg, Ginsburg, Axelrad e Herma (Brown & Brooks, 1996; Crites, 1969/1974; Pelletier, Noisieux & Bujold, 1974/1985), livro este que trouxe à luz a primeira Teoria do Desenvolvimento Vocacional. De acordo com esta teoria, a escolha profissional não é um acontecimento específico que ocorre num momento determinado da vida, mas é um processo evolutivo que ocorre entre os últimos anos da infância e os primeiros anos da idade adulta.

Dois anos mais tarde, foi publicada a Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Donald Super (Brown & Brooks, 1996). Tal teoria definiu a escolha profissional como um processo que ocorre ao longo da vida, da infância a velhice, através de diferentes estágios do desenvolvimento vocacional e da realização de diversas tarefas evolutivas (Super, 1957, 1963; Super, Savickas & Super, 1996). Em 1959, foi publicada a Teoria Tipológica de John Holland (Brown & Brooks, 1996). Para Holland (Spokane, 1996; Holland, 1966/1975) os

interesses profissionais são o reflexo da personalidade do indivíduo e, sendo assim, podem servir de base para a definição de diferentes tipos de personalidade, cujas características definem diferentes grupos laborais e correspondem a diferentes ambientes de trabalho. Ainda nas décadas de 1950 e 1960, foram publicadas Teorias Psico-dinâmicas da escolha profissional, baseadas fundamentalmente na Teoria Psicanalítica e na Teoria de Satisfação das Necessidades, e Teorias de Tomada de Decisão, mais preocupadas com o momento da escolha do que com processo em si (Brown & Brooks, 1996; Crites, 1969/1974; Pelletier e colaboradores, 1974/1985). Internacionalmente, as teorias de Super e Holland estão entre as mais pesquisadas e mais utilizadas em processo de intervenção na atualidade (Brown & Brooks, 1996).

No Brasil, a Orientação Profissional tem como marco de origem a criação, em 1924, do Serviço de Seleção e Orientação Profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sob responsabilidade do engenheiro suíço Roberto Mange (Carvalho, 1995; Rosas, 2000; Santos, 1977). A Orientação Profissional brasileira nasceu ligada à Psicologia Aplicada, que vinha desenvolvendo-se no país, na década de 1920, junto à Medicina, à Educação e à Organização do Trabalho (Antunes, 1998; Carvalho, 1995; Massimi, 1990; Rosas, 2000). Nas décadas de 1930 e 1940, a Orientação Profissional ligou-se à Educação. Em 1934, foi introduzida no Serviço de Educação do Estado de São Paulo, por iniciativa de Lourenço Filho (Freitas, 1973). No ano de 1942, a lei Capanema, sobre a organização do ensino secundário, estabeleceu a atividade de Orientação Educacional e atribuiu a ela o auxílio na escolha profissional dos estudantes (Lourenço Filho, 1955/1971a).

A Orientação Profissional brasileira deu um grande salto de desenvolvimento a partir da década de 1940. No ano de 1944, foi criada a Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, que estudava a Organização Racional do Trabalho e a influência da Psicologia sobre a mesma (Freitas, 1973; Instituto Superior de Estudos e Pes-

quisas: ISOP, 1990). Em 1945 e 1946, ofereceu, com o auxílio do governo brasileiro, o curso de Seleção, Orientação e Readaptação Profissional, ministrado pelo psicólogo e psiquiatra espanhol Emílio Mira y López (Freitas, 1973; Rosas, 2000). O objetivo de tal curso foi a formação de técnicos brasileiros nestas áreas de atuação. No ano seguinte, em 1947, foi fundado o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), junto à Fundação Getúlio Vargas na cidade do Rio de Janeiro, instituto que reuniu técnicos e estudiosos da Psicologia Aplicada, muitos deles formados pelo curso ministrado por Mira y López, que foi seu primeiro diretor (Carvalho, 1995; Freitas, 1973; ISOP, 1990; Rosas, 2000; Seminério, 1973).

Quando foi criado, em 1947, os objetivos do ISOP eram: o desenvolvimento de métodos e técnicas da Psicologia Aplicada ao Trabalho e à Educação, o que foi feito principalmente através da adaptação e da validação de instrumentos psicológicos estrangeiros e da criação de instrumentos psicológicos brasileiros; o atendimento ao público através dos processos de Seleção e Orientação Profissional; e a formação de novos especialistas (Freitas, 1973; ISOP, 1990; Seminério, 1973). No ano de 1948, foi oferecido o primeiro curso de formação em Seleção e Orientação Profissional pelo ISOP, cuja aula inaugural foi proferida por Lourenço Filho (Lourenço Filho, 1971b). Em 1949, o ISOP passou a publicar a revista *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, que veiculava muitas das pesquisas realizadas dentro da própria instituição (Freitas, 1973; Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, 1990; Lourenço Filho, 1955/1971a). Entre as décadas de 1940 e 1960, o ISOP foi referência não só para os modelos de Seleção e Orientação Profissional, mas também para o desenvolvimento da Psicologia brasileira, principalmente da Psicometria.

Desde o seu nascimento, na década de 1920, a Orientação Profissional brasileira pautou-se pelo modelo da Teoria do Traço e Fator; isto é, pelas idéias de que o processo de Orientação Profissional é diretivo e o papel do orientador profissional é o de fazer diagnósticos, prognósticos e indica-

ções das ocupações certas para cada indivíduo, o que foi feito, desde o início, com base na Psicologia Aplicada, especialmente na Psicometria. Na década de 1960, as mudanças ocorridas na Orientação Profissional e as críticas à Teoria do Traço e Fator, que despontavam no ambiente internacional desde a década de 1940, eram conhecidas no Brasil (Scheffer, 1966). No entanto, a mudança de paradigma da Orientação Profissional brasileira seguiu um caminho diverso e se baseou em referenciais teóricos próprios.

O desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência independente e área de atuação profissional, que culminou com a promulgação da Lei 4.119 de 27 de agosto de 1962 (Brasil, 1962), que criou os cursos de formação em Psicologia e regulamentou a profissão de psicólogo, exerceu importante influência nos rumos da Orientação Profissional no Brasil. Em primeiro lugar, o desenvolvimento dos cursos de graduação em Psicologia levou a uma gradativa modificação dos objetivos do ISOP, que, no ano de 1970, tornou-se um órgão normativo da Psicologia: teve o nome alterado para Instituto Superior de Pesquisa Psicológica; ampliou seu campo de interesses; parou de prestar atendimento ao público; e passou a realizar a formação de especialistas, docentes e pesquisadores em nível de pós-graduação (Freitas, 1973; ISOP, 1990).

O surgimento dos cursos de Psicologia e a regulamentação da profissão de psicólogo não modificaram apenas os objetivos do ISOP, mas influenciaram a Orientação Profissional ao vincular esta atividade à Psicologia Clínica e ao transferir o processo de intervenção para consultórios particulares (Carvalho, 1995; Melo-Silva & Jacquemin, 2001; Rosas, 2000). Em termos teóricos, o processo de Orientação Profissional realizado por psicólogos brasileiros nesta época não foi influenciado pela Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Super, pela tipologia de Holland ou pelas Teorias Psicodinâmicas da escolha ou de Tomada de Decisão profissionais. A Orientação Profissional brasileira realizada por psicólogos foi influenciada diretamente pela Psicanálise e, especialmente, pela Estratégia Clínica de Orientação

Vocacional do psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky (1977/1996), introduzida no Brasil na década de 1970 por Maria Margarida de Carvalho (1995; 2001).

Carvalho foi a primeira professora da disciplina de Seleção e Orientação Profissional do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), disciplina que fazia parte do currículo mínimo federal. Além de introduzir as idéias de Bohoslavsky no Brasil, ela foi a grande idealizadora do processo grupal em Orientação Profissional. Com a abertura do Serviço de Orientação Profissional (SOP) da USP, no ano de 1970, houve a necessidade de adaptação do processo de Orientação Profissional oferecido por este órgão devido a grande demanda. Nestas condições, Carvalho propôs os processos grupais como forma de supri-la, como alternativa ao modelo psicométrico e como forma de promoção da aprendizagem da escolha.

A Estratégia Clínica de Bohoslavsky e o processo de intervenção grupal desenvolvido por Carvalho deram origem a um modelo brasileiro de Orientação Profissional, que vem sendo largamente utilizado até os dias de hoje por todo o país. O próprio SOP da USP continua utilizando este modelo como base para seus trabalhos teóricos e práticos e para a formação de novos orientadores profissionais (Lehman & Uvaldo, 2001). De acordo com Carvalho (2001), este modelo de Orientação Profissional, baseado na Psicologia Clínica, na Psicanálise e em Teorias de Dinâmica de Grupo, assemelha-se à Terapia Breve Focal, cujo foco de trabalho é a escolha profissional. Vários autores brasileiros aceitam esta definição da Orientação Profissional como uma Terapia Breve Focal (Levenfus, 1997; Oliveira, 2000), o que acaba por subestimar o seu caráter pedagógico, restringir sua prática aos psicólogos e limitar o seu alcance de intervenção.

A Estratégia Clínica de Orientação Profissional foi desenvolvida por Bohoslavsky (1977/1996) como alternativa ao modelo da Teoria do Traço e Fator, chamado por ele de Estratégia Estatística. Ela foi influenciada pela idéia de não-diretividade da Terapia Centrada no Cliente de

Rogers, pela Psicanálise da Escola Inglesa, especialmente por Melanie Klein, e pela Psicologia do Ego norte-americana. A entrevista clínica aparece como o principal instrumento durante o processo de orientação e a primeira entrevista tem por objetivo alcançar o diagnóstico de orientabilidade, que permitirá a realização de um prognóstico de orientabilidade e a definição de estratégias de trabalho. Bohoslavsky aceita a utilização de testes para a realização do diagnóstico, contanto que sejam utilizados apenas em seu caráter instrumental.

Atualmente, dois testes projetivos vêm sendo estudados no Brasil com o objetivo de servir como instrumento para o diagnóstico de orientabilidade. São eles o Teste de Fotos de Profissões (BBT) e o Teste Projetivo Ômega (TPO). O BBT vem sendo largamente estudado por André Jacquemin e Lucy Leal Melo-Silva na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Criado pelo suíço Achtnich, o BBT pretende clarificar inclinações profissionais com base em oito fatores de inclinação profissional definidos previamente (Achtnich, 1979/1991; Jacquemin, 1982; Jacquemin, 2000; Jacquemin, Melo-Silva & Pasian, 2002). O teste é composto por cerca de cem fotos de pessoas exercendo atividades profissionais e cada foto é identificada por dois fatores, um primário, que corresponde à função ou atividade representada, e um secundário, que corresponde ao ambiente profissional representado. O resultado do teste permite a clarificação da inclinação profissional do orientando e o sucesso profissional é garantido através da concordância desta inclinação com a estrutura da profissão escolhida. O TPO vem sendo bastante estudado por Inalda Oliveira no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE). O TPO é um teste de apercepção temática que foi criado em 1966 no Departamento de Psicologia da Universidade do Rio de Janeiro e seu autor é João Villas-Boas Filho (Villas-Boas Filho, s.d.; Oliveira, 1997, 2002). É composto por quatro cartões estímulos que representam conflitos básicos da dinâmica da escolha. Seu uso auxilia no entendimento dinâmico dos conflitos relacionados ao

processo de escolha profissional do orientando. Ambos os testes são comercializados, o BBT pelo Centro Editorial de Testes e Pesquisas em Psicologia e o TPO pelo Centro de Psicologia Aplicada (CEPA).

Apesar da prevalência da Abordagem Clínica de Orientação Profissional proposta por Bohoslavsky, outros modelos teóricos também vêm trazendo grandes contribuições para a Orientação Profissional brasileira. Entre eles estão os modelos baseados na Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Donald Super. Maria Célia Lassance na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) vem desenvolvendo a Abordagem Integrada em Orientação Profissional (Lassance, 1999), com base nas idéias de Super (Super, 1957; Super, 1963; Super e colaboradores, 1996) e no Modelo de Ativação do Desenvolvimento de Pelletier e colaboradores (1974/1985). A Abordagem Integrada parte destes autores como referenciais de base, mas está aberta a contribuições de outras teorias que possam enriquecer os processos de intervenção. Maria da Glória Hissa e Marita Pinheiro desenvolveram a Metodologia de Ativação de Aprendizagem, com base nestes mesmos autores, em Bohoslavsky, Pichon-Rivière, Perls, Piaget & Paulo Freire (Hissa & Pinheiro, 1997; Hissa & Pinheiro, 2002). Ambas abordagens possuem um caráter psicopedagógico e têm por objetivo central a aprendizagem da escolha.

Ainda dentro deste referencial teórico foram desenvolvidos trabalhos sobre o conceito de maturidade vocacional. A maturidade vocacional mede o grau de desenvolvimento vocacional do indivíduo, o lugar que este ocupa no *continuum* do desenvolvimento vocacional (Super, 1957; Super, Crites, Hummel, Moser, Overstreet & Warnath, 1957; Super e colaboradores, 1996). No Brasil, desde a década de 1970, houve diversas tentativas de adaptação ou criação de um instrumento para mensuração da maturidade vocacional (Fernandes, 1975; Fernandes & Scheeffler, 1986). Em 1994, foi construída, por Kátia Neiva, a primeira versão de uma escala brasileira para mensuração da maturidade vocacional, a Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP)

(Neiva, 2002). Tal escala, que foi construída para aplicação específica em alunos do ensino médio, com base nos modelos de maturidade vocacional de Super e Crites, foi publicada comercialmente no ano de 1999 pela Vetor Editora (Neiva, 1998; Neiva, 1999).

Outros construtos afins a este paradigma que vêm sendo pesquisados são os de exploração e indecisão vocacionais. A exploração vocacional é um comportamento de solução de problemas, experimentação, descoberta, que promove o autoconhecimento e o conhecimento do mundo do trabalho, requisitos fundamentais para a escolha profissional (Jordaan, 1963). O *Career Exploration Survey*, instrumento multidimensional para mensuração da exploração vocacional, de Stumpf, Colarelli & Hartman (1983), foi traduzido e vem sendo adaptado para alunos do ensino médio brasileiro (Frischenbruder, 1999; Frischenbruder, Teixeira, Sparta & Sarriera, 2002, Sparta, 2003). Teixeira & Magalhães (2001) desenvolveram a Escala de Indecisão Vocacional, que tem por objetivo a mensuração da indecisão vocacional enquanto um construto unidimensional contínuo. Ela se propõe a realizar uma avaliação genérica do nível de indecisão de adolescentes que estejam cursando o ensino médio. Atualmente, tal escala vem sendo aperfeiçoada (Teixeira, Bardagi, Sparta & Gomes, 2002).

Outro referencial teórico que vem sendo trabalhado no Brasil é a Tipologia de Holland. Armando Marocco na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINO), no Rio Grande do Sul, adaptou para o Brasil um instrumento canadense baseado na teoria de Holland: o Teste Visual de Interesses, de Tétreau e Trahan (Marocco, Tétreau & Trahan, 1984). O TVI é um teste não-verbal para medida de interesses, composto por 102 dispositivos de atividades profissionais que representam os seis tipos de personalidade do modelo de Holland. Este teste foi publicado pela UNISINOS e é comercializado na própria Universidade. Recentemente, foi construído o Inventário de Levantamento das Dificuldades da Decisão Profissional (IDDP) (Primi e colaboradores, 2000). Tal instrumento também é baseado na teoria de

Holland e prevê que quanto mais indiferenciado o perfil tipológico do orientando, maior sua indecisão vocacional.

Jorge Sarriera, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), desenvolveu o Paradigma Ecológico em Orientação Profissional (Sarriera, 1998; Sarriera, 1999). De acordo com esta perspectiva, o ambiente é tão importante quanto o indivíduo no processo de escolha profissional, já que esta ocorre na relação do indivíduo com o meio sócio-cultural em que está inserido. O objetivo da Orientação Profissional é o de prover o orientando de habilidades pessoais que o permitam enfrentar as demandas ambientais no momento de transição entre a escolha e o mundo do trabalho; é a promoção de comportamentos adaptativos.

Todas estas perspectivas teóricas, mesmo as de cunho psicopedagógico, foram desenvolvidas com base em teorias psicológicas, em geral por psicólogos, em instituições psicológicas. Porém, paralelamente, a prática de Orientação Profissional também se desenvolveu dentro das escolas, próxima à Pedagogia, especialmente da Orientação Educacional. Tal prática também foi discutida por pedagogos e novas teorias foram propostas por este campo do conhecimento.

Desde 1942, com a promulgação da lei Capanema, a Orientação Educacional foi incluída nas escolas e a ela foi incumbida a tarefa de auxiliar a escolha profissional dos alunos (Lourenço Filho, 1955/1971a). No entanto, foi com a promulgação da Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, que determinou as novas diretrizes e bases para os ensinos de primeiro e segundo graus, que a Orientação Educacional e o Aconselhamento Vocacional, sob responsabilidade dos Serviços de Orientação Educacional (SOE), tornaram-se obrigatórios nas escolas (Brasil, 1971). Esta lei tornou a profissionalização no segundo grau obrigatória e determinou a sondagem de aptidões no primeiro grau.

A forma como o processo de Orientação Profissional passou a ser realizado nas escolas possui poucos registros. De acordo com Ferretti (1980), no final da década de 1970, era prevista

uma disciplina chamada Programa de Orientação Ocupacional, cujo objetivo era auxiliar os alunos na escolha profissional. O próprio Ministério da Educação e Cultura (MEC) elaborou um documento que indicava a concepção operatória do desenvolvimento vocacional de Pelletier e colaboradores (1974/1985) como base para a disciplina. No entanto, segundo esse autor, na prática tais programas baseavam-se apenas em informação profissional.

A partir da década de 1980, alguns autores no âmbito da Educação começaram a teorizar sobre os processos de escolha e Orientação Profissional. Foi neste momento que Celso Ferretti e Selma Pimenta passaram a tecer uma série de críticas às teorias psicológicas de escolha profissional com base no agrupamento de tais teorias feito por John Crites (1969/1974). Ferretti (1980;1988) apontou a função ideológica de manutenção da sociedade de classes capitalista subjacente às teorias psicológicas da escolha profissional e propôs um novo modelo de Orientação Profissional dentro do processo de ensino-aprendizagem, capaz de suplantar tal ideologia. O objetivo do seu modelo é a reflexão sobre o próprio processo de escolha profissional e sobre o trabalho. O método de trabalho proposto é o Modelo de Ativação do Desenvolvimento de Pelletier e seus colaboradores (1974/1985). Apesar de fazer uma grande crítica às teorias psicológicas da escolha profissional, inclusive às Teorias de Desenvolvimento Vocacional, Ferretti acaba por aderir a elas, já que este modelo de intervenção é uma operacionalização do modelo teórico de Super. Pimenta (1981) discutiu a insuficiência das teorias psicológicas da escolha profissional para a compreensão da decisão vocacional e propôs a fenomenologia existencial como alternativa para esta compreensão.

Mais recentemente, Silvio Bock (2002), com base nas críticas realizadas por Ferretti e Pimenta, propôs uma nova abordagem de Orientação Profissional que definiu como além da crítica e chamou de Abordagem Sócio-histórica. Sua base teórica são as idéias de Vygotsky de que o indivíduo desenvolve-se através de uma relação dialética com o ambiente sócio-cultural em que vive.

Tal abordagem tem um cunho educativo e visa a promoção de saúde, conforme o proposto por Ana Bock (Bock & Aguiar, 1995).

De acordo com a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, atual lei das diretrizes e bases da Educação nacional, o ensino médio continua a ter como um de seus objetivos a preparação básica para o trabalho. No entanto, o ensino médio não possui mais o objetivo de profissionalização. O ensino profissionalizante de nível médio aparece apenas na condição de curso continuado; isto é, não substitui o ensino médio regular, apenas o complementa (Brasil, 1996). Segundo Uvaldo & Silva (2001), esta lei oferece mais abertura para a criação de projetos de Orientação Profissional integrados no currículo escolar. Esta idéia está em conformidade com a tendência internacional dos programas de Educação de Carreira, programas de cunho pedagógico realizados pela escola que pretendem capacitar os estudantes para a transição entre a escola e o mundo do trabalho dentro da nova ordem sócio-econômica mundial (Guichard, 2001).

No ano de 1993, foi fundada a Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP) durante o I Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional Ocupacional (Carvalho, 1995; Lisboa, 2001; Melo-Silva & Jacquemin, 2001; Soares, 1999). A ABOP foi criada com os objetivos de unificação e desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. Desde então, vem promovendo simpósios nacionais bienais. O último ocorreu na cidade de Valinhos, São Paulo, em 2001. O próximo ocorrerá na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, neste ano de 2003. Em 1997, foi publicado o primeiro número da Revista da ABOP, cujo quarto e último número foi publicado em 1999 e cuja revitalização é de suma importância para o desenvolvimento da Orientação Profissional em nosso país.

No Brasil, a Orientação Profissional pode ser realizada por psicólogos e pedagogos, mas infelizmente, como afirmou Soares (1999), a formação de orientadores profissionais brasileiros ainda não possui regulamentação ou lei que determine conteúdos mínimos a serem ministrados. Esta

formação fica a cargo de universidades e cursos livres, mas a falta de uma regulamentação mais estrita da profissão acaba por diluir boas iniciativas e não oferece poder para que a ABOP possa fiscalizar os cursos oferecidos em território nacional. Uma das conseqüências desta situação foi a não inclusão da Orientação Profissional no rol de especialidades para psicólogos, de acordo com as determinações da Resolução 014/00 do Conselho Federal de Psicologia, que dispõe sobre o título de profissional especialista em Psicologia (Conselho Federal de Psicologia, 2000). Na prática, psicólogos e orientadores educacionais podem exercer a atividade de Orientação Profissional sem qualquer formação específica na área, o que, infelizmente, retarda o seu desenvolvimento e a desqualifica.

O presente artigo teve como objetivos descrever a trajetória percorrida pela Orientação Profissional em nosso país e oferecer informações sobre sua situação atual. Apesar da existência de diversas iniciativas que pretenderam e pretendem promover o crescimento teórico e prático desta área de atuação de psicólogos e pedagogos, mui-

to ainda falta ser feito para o aprimoramento da competência de pesquisadores e profissionais, bem como para a adequação metodológica dos processos de investigação e intervenção, para que a Orientação Profissional constitua-se como uma área do conhecimento autônoma e devidamente regulamentada. O desenvolvimento teórico e técnico e a formação adequada de orientadores profissionais são os grandes desafios para a Orientação Profissional brasileira nos próximos anos.

Finalmente, é importante ressaltar que a influência peculiar da Psicologia Clínica e da Psicanálise em nosso meio, que leva muitas vezes à equiparação dos processos de Orientação Profissional aos processos de Terapia Breve Focal, merece ser futuramente estudada com maior rigor. Por hora, fica apenas a ressalva de que é preciso, acima de tudo, que os profissionais da Orientação Profissional não esqueçam que a escolha de uma profissão, bem como a dúvida e a indecisão, fazem parte do desenvolvimento normal dos indivíduos e que o papel do orientador profissional é o de servir como instrumento para este desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- Achtnich, M. (1991). *O BBT, Teste de Fotos de Profissões: Método projetivo para clarificação da inclinação profissional* (J. Ferreira Filho, Trad.). São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia. (Original publicado em 1979)
- Antunes, M. A. M. (1998). *Psicologia no Brasil: Leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Unimarco Editorial / Educ.
- Bock, A. M. B. & Aguiar, W. M. J. (1995). Por uma prática promotora de saúde em orientação vocacional. Em A. M. B. Bock, C. M. M. Amaral & F. F. Silva, *A escolha profissional em questão* (2ª ed.) (pp. 9-23). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bock, S. D. (2002). *Orientação profissional: A abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (1996). *Orientação vocacional: A estratégia clínica* (J. M. V. Bojart & W. M. A. Penteado, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1977)
- Brasil. (1962). *Lei n.4.119, de 27 de agosto de 1962*. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Retirado em 17/05/2002, Psicologia Online no World Wide Web: <http://www.pol.org.br/normatização/legislação.cfm>
- Brasil. (1971). *Lei n.5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus e dá outras providências. Retirado em 04/01/2003, Presidência da República Federativa do Brasil no World Wide Web: <http://www.presidencia.gov.br>



- Brasil. (1996). *Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Retirado em 25/06/2001, Presidência da República Federativa do Brasil no World Wide Web: <http://www.presidencia.gov.br/>
- Brown, D. & Brooks, L. (1996). Introduction to theories of career development and choice: Origins, evolution, and current efforts. Em D. Brown & L. Brooks (Eds.), *Career development choice and development* (3ª ed.) (pp. 1-30). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Carvalho, M. M. M. J. (1995). *Orientação Profissional em grupo: Teoria e técnica*. Campinas: Editorial Psy.
- Carvalho, M. M. M. J. (2001). Entrevista. *Labor: Revista do Laboratório de Estudos Sobre Trabalho e Orientação Profissional*, 0, 9-20.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). *Resolução CFP n. 014/00 de dezembro de 2000*. Institui o título de profissional especialista em psicologia e dispõe sobre as normas e procedimentos para seu registro. Retirado em 04/01/2003, Psicologia Online no World Wide Web: [http://www.pol.org.br/atualidades/materias.cfm?id\\_area=14](http://www.pol.org.br/atualidades/materias.cfm?id_area=14)
- Crites, J. O. (1974). *Psicologia vocacional* (N. Dottori & S. Vetrano, Trans.). Buenos Aires: Editorial Paidós. (Original publicado em 1969)
- Fernandes, L. M. (1975). Inventário de Desenvolvimento Vocacional de Super (pesquisa experimental). *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 27(2), 18-42.
- Fernandes, L. M. & Scheeffler, R. (1986). A construção do instrumento brasileiro de maturidade vocacional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 38(2), 187-197.
- Ferretti, C. J. (1980). O processo de orientação vocacional dentro do processo de ensino-aprendizagem. *Prospetiva: Revista de Orientação Educacional*, 1(6), 18-33.
- Ferretti, C. J. (1988). *Uma nova proposta de orientação profissional*. São Paulo: Cortez.
- Freitas, E. (1973). Origens e organização do ISOP. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1), 7-76.
- Frischenbruder, S. L. (1999). *O desenvolvimento vocacional na adolescência: Autoconceito e comportamento exploratório*. Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Frischenbruder, S. L., Teixeira, M. A. P., Sparta, M. & Sarriera, J. C. (2002). Levantamento de Exploração Vocacional: Validade e fidedignidade. Trabalho apresentado no *I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão*. São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia.
- Guichard, J. (2001). A century of career education: Review and perspectives. *International Journal of Educational and Vocational Guidance*, 1(3), 155-176.
- Hissa, M. G. & Pinheiro, M. A. (1997). Aplicação de uma metodologia psicopedagógica em orientação vocacional ocupacional: Três décadas de uma experiência. Em Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (Org.), *Anais, III Simpósio Brasileiro de Orientadores Profissionais* (pp. 1-9). Canoas: ABOP.
- Hissa, M. G. & Pinheiro, M. A. (2002). Metodologia de ativação da aprendizagem: Uma abordagem psicopedagógica em orientação profissional. Em R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 133-146). Porto Alegre: Artmed.
- Holland, J. L. (1975). *Técnica de la elección vocacional: Tipos de personalidad y modelos ambientales* (F. P. López, Trad.). México, D.F.: Trillas. (Original publicado em 1966)
- Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais: ISOP. (1990). Sumário das atividades de 1989. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 42(2), 141-172.
- Jacquemin, A. (2000). *O BBT-Br: Teste de Fotos de Profissões: Normas, adaptação brasileira, estudos de caso*. São Paulo: Centro Editorial de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Jacquemin, A. (1982). Novas perspectivas em orientação vocacional e profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 34(4), 127-132.
- Jacquemin, A., Melo-Silva, L. L. & Pasian, S. R. (2002). O Burefsbilder Test (BBT): Teste de Fotos de Profissões em processos de orientação profissional. Em R. S. Levenfus, D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp.247-262). Porto Alegre: Artmed.

- Jordaan, J. P. (1963). Exploratory behavior: The formation of self and occupational concepts. Em D. Super, R. Starishevsky, N. Matlin & J. P. Jordaan, *Career development: Self-concept theory: Essays in vocational development* (pp. 42-78). New York: College Entrance Examination Board.
- Lassance, M. C. P. (1999). O trabalho do SOP/UFRGS: Uma abordagem integrada. Em M. C. Lassance (Org.), *Técnicas para o trabalho em orientação profissional em grupo* (pp. 11-47). Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS.
- Lehman, Y. P. & Uvaldo, M. C. C. (2001). Proposta de formação de orientadores profissionais em uma estratégia clínica. *Labor: Revista do Laboratório de Estudos sobre Trabalho e Orientação Profissional*, 0, 51-57.
- Levenfus, R. S. (1997). Orientação vocacional ocupacional: À luz da psicanálise. Em R. S. Levenfus (Org.), *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 227-243). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lisboa, M. D. (2000). Sobre a Associação Brasileira de Orientadores Profissionais: ABOP. Em M. D. Lisboa & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação profissional em ação: Formação e prática de orientadores* (pp. 225-228). São Paulo: Summus.
- Lourenço Filho. (1971a). Orientação em um país latino-americano em rápida industrialização: Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(3), 63-78. (Original publicado em 1955)
- Lourenço Filho. (1971b). Orientação e seleção profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(3), 41-53.
- Marocco, A., Tétreau, B. & Trahan, M. (1984). La validez del TVITT para los estudiantes sur-brasileños. *Estudios Leopoldenses*, 20(77), 5-22.
- Massimi, M. (1990). *História da psicologia brasileira: Da época colonial até 1934*. São Paulo : EPU.
- Melo-Silva, L. L. & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em orientação vocacional/profissional: Avaliando resultados e processos*. São Paulo: Vetor.
- Neiva, K. M. C. (1998). Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP): Estudos de validade e fidedignidade. *Revista UNIB*, 6, 43-61.
- Neiva, K. M. C. (1999). *Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP): Manual*. São Paulo: Vetor.
- Neiva, K. M. C. (2002). Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP). Em Levenfus, R. S. & Soares, D. H. P. (Orgs.), *Orientação Vocacional Ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 239-246). Porto Alegre: Artmed.
- Oliveira, I. D. (1997). O Teste Projetivo Ômega no diagnóstico em orientação profissional. *Revista da ABOP*, 1(1), 35-46.
- Oliveira, I. D. (2000). Orientação profissional no contexto atual. Em I. D. Oliveira (Org.), *Construindo caminhos: Experiências e técnicas em orientação profissional* (pp. 35-52). Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Oliveira, I. D. (2002). Uma abordagem psicodinâmica do Teste Projetivo Ômega. Em R. S. Levenfus, D. H. P. Soares & Cols., *Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp.225-238). Porto Alegre: Artmed.
- Pelletier, D., Noiseux, G. & Bujold, C. (1985). *Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal: Enfoque operatório* (4ª ed.) (E. F. Alves, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1974)
- Pimenta, S. G. (1981). *Orientação vocacional e decisão: Estudo crítico da situação no Brasil* (2ª ed.). São Paulo: Loyola.
- Primi, R., Munhoz, A. M. H., Brighetti, C. A., Nucci, E. P., Pellegrini, M. C. & Moggi, M. A. (2000). Desenvolvimento de um inventário de levantamento das dificuldades da decisão profissional. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13(3), 451-463.
- Rogers, C. R. (1942). *Counseling and psychotherapy: Newer concepts in practice*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rosas, P. (2000). Construindo caminhos: Uma abordagem histórica. Em I. D. Oliveira (Org.), *Construindo caminhos: Experiências e técnicas em orientação profissional* (pp. 15-34). Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Santos, O. B. (1977). *Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional* (3ª ed.). São Paulo: Pioneira.
- Sarriera, J. C. (1998). Da orientação profissional para a inserção do jovem no trabalho. *Revista da ABOP*, 2(2), 75-80.
- Sarriera, J. C. (1999). Uma perspectiva de orientação profissional para o novo milênio. *Revista da ABOP*, 3(1), 85-96.

- Scheffer, R. (1966). Atuais diretrizes da orientação profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 18(1), 123-132.
- Seminário, F. L. P. (1973). A pesquisa. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1), 93-98.
- Soares, D. H. P. (1999). A formação do orientador profissional: O estado da arte no Brasil. *Revista da ABOP*, 3(1), 7-21.
- Sparta, M. (2003). *A exploração e a indecisão vocacionais em adolescentes no contexto educacional brasileiro*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Spokane, A. R. (1996). Holland's theory. Em D. Brown & L. Brooks (Orgs.), *Career choice and development* (pp. 33-74). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Stumpf, S. A., Colarelli, S. M. & Hartman, K. (1983). Development of Career Exploration Survey (CES). *Journal of Vocational Behavior*, 22(2), 191-226.
- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers: An introduction to vocational development*. New York: Harper & Row Publishers.
- Super, D. (1963). Vocational development in adolescence and early adulthood: Tasks and behaviors. Em D. Super, R. Starishevsky, N. Martin & J. P. Jordaan, *Career development: Self-concept theory: Essays in vocational development* (pp.79-95). New York: College Entrance Examination Board.
- Super, D. E. & Bohn Junior, M. J. (1976). *Psicologia Ocupacional* (E. Nascimento & F. Santos, Trans.). São Paulo: Atlas. (Original publicado em 1970)
- Super, D. E., Savickas, M. L. & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. Em D. Brown & L. Brooks (Orgs.), *Career choice and development* (3ª ed.) (pp. 121-178). San Fransisco: Jossey-Bass Publishers.
- Super, D., Crites, J., Hummel,R., Moser, G., Overstreet, P. & Warnath, C. (1957). *Vocational development: A framework for research*. New York: TeachersCollege Press.
- Teixeira, M. A. P. & Magalhães, M. O. (2001). Escala de indecisão vocacional: Construção de um instrumento para pesquisa com estudantes do ensino médio. *Aletheia*, 13, 21-26.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., Sparta, M. & Gomes, W. B. (2002). Aperfeiçoamento de uma Escala de Indecisão Profissional [Resumo]. Em Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP) e Instituto do Ser (Orgs.), *Ser Orientador Profissional: Profissão? Paixão? "Chamado"?: III Workshop de Técnicas de Orientação Profissional, II Encontro de Formadores em Orientação Profissional, III Seminário de Informação e Orientação Profissional do LIOP*. Florianópolis, SC: LIOP/UFSC/ABOP/IS.
- Uvaldo, M. C. C. & Silva, F. F. (2001). Orientação profissional: Uma experiência na escola. *Labor: Revista do Laboratório de Estudos sobre Trabalho e Orientação Profissional*, 0, 76-84.
- Villas-Boas Filho, J. (s.d.). *TPO: Teste Projetivo Omega*. Rio de Janeiro: CEPA.

Recebido: 17/01/2003

1ª Revisão: 21/03/2003

Última Revisão: 23/06/2003

Aceite final: 24/06/2003

Sobre a autora:

**Mônica Sparta** é Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e com formação em Orientação Profissional pelo Instituto do Ser de São Paulo/SP.